

**ANTONIO MENEGHETTI FACULDADE - AMF
ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU EM GESTÃO DO CONHECIMENTO E O
PARADIGMA ONTOPSICOLÓGICO**

ALESSANDRA HEINZ

O JOVEM E O SENTIDO FUNDAMENTAL DA VIDA

RESTINGA SECA - RS

2016

ALESSANDRA HEINZ

O JOVEM E O SENTIDO FUNDAMENTAL DA VIDA

Monografia apresentada ao curso de Especialização Lato Sensu em Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico como requisito parcial para obtenção do título de especialista.
Orientadora: Prof. Dra. Carmen I. D'Agostini Spanhol

RESTINGA SECA - RS

2016

ALESSANDRA HEINZ

O JOVEM E O SENTIDO FUNDAMENTAL DA VIDA

Monografia apresentada ao curso de Especialização Lato Sensu em Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico como requisito parcial para obtenção do título de especialista.

Orientador: Prof^ª Dra. Carmen I. D'Agostini Spanhol

Banca Examinadora:

Orientador: Dra. Carmen I. D'Agostini Spanhol
Antonio Meneghetti Faculdade

Convidada: Dra. Adriana Maria Moro Mendes
Antonio Meneghetti Faculdade

Convidada: Dra. Patricia Wazlawick
Antonio Meneghetti Faculdade

RESTINGA SECA - RS

2016

RESUMO

AUTOR: Alessandra Heinz. **Título:** O jovem e o sentido fundamental da vida. 2016. - páginas.

Monografia apresentada ao curso de Especialização Lato Sensu em Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico como requisito parcial para obtenção do título de especialista. Faculdade Antonio Meneghetti. Curso de Especialização Lato Sensu em Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico, Restinga Seca, 2016.

O presente trabalho teve como objetivo discutir a problemática do jovem e sentido fundamental da vida. Para que este objetivo fosse alcançado, buscou-se apresentar uma breve compreensão do conceito de jovem para Guiddens, autor da Sociologia e em seguida contextualizá-lo também na perspectiva da Ciência Ontopsicológica. Em seguida expuseram-se os problemas vivenciados pelos jovens e as consequências para ele e para sociedade. O trabalho caracteriza-se como um estudo teórico. Com base no estudo dos livros e artigos, constatou-se que se caso queira o jovem resgatar o sentido fundamental da vida, faz-se necessário ter o conhecimento de si mesmo, bem como responsabilizá-lo quanto a sua existência e atuação no mundo.

Palavras-chave: Jovem. Juventude. Sentido fundamenta da vida. Ontopsicologia.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	6
2	A JUVENTUDE.....	8
2.1	OS DESVIOS DA JUVENTUDE.....	11
2.2	OS VÍCIOS MAIS DIFUNDIDOS ENTRE OS JOVENS.....	14
3	AS CAUSAS DO PROBLEMA.....	17
4	SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS.....	20
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22

1 INTRODUÇÃO

Atualmente observamos em muitas esferas da sociedade o questionamento quanto ao rumo que os jovens estão tomando, uma vez que está na mão deles o futuro do mundo, bem como a continuidade da vida. Tais questões emergem de um contexto onde cada vez mais se observam jovens em situação de delinquência, drogas, depressão e aumento do suicídio entre eles.

Outro aspecto é que tanto os pais como os educadores em geral estão incapacitados de aplicar um modo de educação que possa implicar ao jovem à responsabilização, resultando num contingente de pessoas incapazes de responder às próprias questões que a vida apresenta, seja no âmbito pessoal ou social.

Pesquisas a respeito de situações problemáticas envolvendo o tema da juventude, tem sido divulgadas (Abramo, 1997; Adorno, 2015; Arnauts, 2012; Benavente, 2012; Carlini-Cotrim, 2013; Costa, 2015; Da Costa, 2012; De Deus, 2013; De Souza, 2016; Patias, 2013; Scisleski, 2012; Souza, 2014.), onde o foco principal consiste em evidenciar os fatos ou motivos que conduziram o jovem ao erro, evidenciando sempre o aspecto problemático do deste.

Por outro lado, observamos tantos jovens sadios e inteligentes que justamente pelo fato de não estarem ainda envolvidos em problemáticas maiores são deixados a conduzirem-se sozinhos, o que resulta muitas vezes na perda de tantas pessoas de valor, uma vez que estes jovens ainda estão em processo de construção de si mesmos, mas que não possuem uma pedagogia que os oriente (WAZLAWICK, 2014).

O interesse desse estudo está focado no segmento de jovens sadios que estão em fase de formação e estudo. A escolha do tema de pesquisa se justifica pela importância de apresentar e aplicar uma pedagogia que sirva de auxílio aos jovens com inteligência, vontade e capacidade de construir algo de bom para a si mesmo, bem como para a sociedade uma vez que está na mão deles o futuro do mundo.

A constatação de que falta aos jovens saudáveis uma pedagogia que os ajude na condução de suas vidas, e que esta passa inicialmente pelo conhecimento de si mesmo e pela educação de uma lógica de que cada escolha feita pelo jovem implica em consequências, configurou-se o seguinte **problema de pesquisa**: como ensinar ao jovem o caminho para construir a si mesmo?

Para responder à questão formulada, foram definidos como objetivos da pesquisa investigar como despertar no jovem o sentido fundamental na vida, identificar os comportamentos-base de desvio psicológico e indicar os comportamentos que podem conduzir o jovem à realização de si mesmo.

As principais conclusões do estudo apontam que os jovens sadios, apesar de possuírem atributos e ferramentas que os possibilitam terem sucesso na construção do seu futuro, devem ser amparados e orientados a partir de uma pedagogia que possa dar suporte e ensinamento para a responsabilização destes quanto à construção do seu próprio futuro.

A estrutura deste artigo compreende três capítulos, além desta introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo apresenta-se a revisão bibliográfica em que se discorre sobre a juventude e seus atributos, os desvios e vícios mais difundidos do jovem e as causas e soluções para o problema.

A pesquisa é de caráter bibliográfico, desenvolvida a partir de material previamente elaborado, constituída principalmente a partir de livros e artigos científicos (GIL, 2008).

2 A JUVENTUDE

O conceito de jovem para Meneghetti (2005, p.343) não pode ser limitado numa faixa etária precisa, podendo ser quinze ou quarenta e cinco anos, desde que tenha ainda o potencial de dar continuidade ao próprio projeto de natureza, fazendo a evolução deste em vários aspectos da vida: “neste indivíduo existe uma relação ativa entre Em Si ôntico¹ e Eu lógico histórico²”.

O Dicionário Houaiss (2009, p. 1135) define o conceito de jovem como “que ou aquele que encontra na juventude; adolescente; diz-se do indivíduo que ainda não alcançou seu pleno desenvolvimento”. No Brasil, o Estatuto da Juventude (Lei 8.069 de 1990) define como jovens as pessoas com faixa de idade entre 12 aos 18 anos.

Os sociólogos iniciaram a teorizar sobre a idade adulta jovem, inseridos no curso da vida das sociedades desenvolvidas, mostrando que se refere a um estágio específico do desenvolvimento pessoal e sexual e denominado de várias maneiras: pós adolescência, adolescência tardia, entre outros (Guiddens, 2012). No senso comum há a visão de que as transições pelas quais passamos durante a vida fazem parte de um ciclo de vida, como um determinismo biológico. Esse ponto de vista é refutado por Guiddens (2012) autor da Sociologia, onde afirma que estes estágios aparentemente naturais fazem parte, “curso da vida humana”, que abrange o aspecto social quanto o biológico.

Outro aspecto a ser considerado é que o curso da vida também é localizado historicamente, e um modo de apresentar isto é através dos conceitos de coortes etárias e gerações: “as coortes são grupos de pessoas com algo em comum, e as coortes etárias, portanto, são grupos de pessoas que nasceram no mesmo ano” (Giddens, 2012). O autor aponta que a importância destes conceitos está relacionada ao fato de que estas pessoas, embora possam ter opiniões divergentes sobre os fatos, vivenciam um amontoado de experiências comuns que dão forma ao curso da vida.

O sociólogo Karl Mannheim (apud Guiddens, 2012) elaborou um argumento com relação à influência de gerações no curso da vida, afirmando que as pessoas da mesma geração no processo social compartilham de uma localização comum quanto ao

¹ *Em si Ontico* “Projeto-base de natureza que constitui o ser humano”. (MENEGETTI, A. *Dicionário de Ontopsicologia*, 2012, p. 84).

² *Eu lógico histórico* “É a capacidade de mediar o real externo segundo a exigência individual do íntimo”. (MENEGETTI, A. *Dicionário de Ontopsicologia*, 2012, p. 108).

processo histórico e que, portanto, cada geração tende a experimentar o mundo e seu lugar nele de forma diversificada.

Neste estudo, apresentaremos a faixa etária de acordo com as fases da “autóctise histórica” definidas por Antonio Meneghetti (2013, p. 30). Por natureza, o desenvolvimento psicológico na vida da pessoa deveria medrar de acordo com cinco fases sucessivas, descritas por Meneghetti (2013, p 30): a primeira fase se define pelo acontecimento da realização físico-biológico-psíquica até a idade de seis anos. A segunda fase se estende de seis a quatorze anos onde ocorre a maturação psicorracional e conseqüente formação da consciência. A terceira fase apresenta-se como o período de abundância, plenitude e maturidade da vida: “é a fase de máxima virtualidade e fertilidade intelectual”, ocorrendo entre quatorze e vinte e quatro anos. A quarta fase acontece entre vinte e quatro e trinta e quatro anos, caracterizando-se com o sujeito que tem uma percepção de si mesmo como um universo infinito, ou a “plenitude para a visão ôntica”. Na fase quinta que vai dos trinta e quatro anos em diante, vive-se a metempsi ou intuição ôntica “existe aqui e além: tem um corpo, é frágil, mas a sua mente já é aberta ao todo, ao ser em si”.

Cada sujeito ao nascer começa a fazer parte de uma realidade no cosmo, do grego *kosmos*, que significa ordem, organização, ou ainda, ordens de energia que embora se pareçam misturadas são universais (do latim *unus*= uno; *versum* = volver: voltado ao uno). Essa realidade faz os sujeitos partícipes da força cósmica do universo e por conseqüência da energia inteligente do universo, isto é, cada um já tem em si mesmo uma identidade de natureza que permite conduzir a vida em vantagem para si. O que ocorre, no entanto, é que esse sujeito nasce num contexto social e acaba adaptando-se aos modos da família, da sociedade, determinando uma leitura de si mesmo de acordo com os esquemas sociais, mas “não com evidência radical da própria identidade de natureza” (2013, p. 21).

As conseqüências desse distanciamento das regras da própria identidade de natureza convergem numa grande massa de jovens perdidos do sentido essencial da vida e que atingem a faixa etária dos trinta e cinco anos com tantas crises, depressões, incertezas, angústias, doenças, etc.: “Análises sobre comportamento e estilo de vidas apontam para uma crise de valores dos jovens na conjuntura social” (SPANHOL, 2010), ou seja, o jovem não busca um projeto de vida, não sabe estabelecer objetivos para sua

própria realização e fica muito suscetível a tudo que o mundo lhe oferece, ficando a mercê dos modismos, principalmente do que o mundo da internet oferece.

Muito embora a grande massa de jovens atravesse a vida e chegue à velhice, definitivamente enquadrados no esquema social que os determinaram, ainda temos muitos jovens saudáveis, cuja inteligência os faz enfrentar a vida adulta sem perder a capacidade de serem eles mesmos, tendo a consciência de serem únicos e com a responsabilidade de serem protagonistas do seu destino. Esses jovens enfrentam as mesmas dificuldades vividas por jovens de tantas gerações e culturas diversas, mas possuem características que os diferenciam por se colocarem questões que vão além dos habituais questionamentos da juventude: “em muitos jovens se verifica uma aguda tensão a serem perfeitos no próprio destino” (MENEGHETTI, 2012, P.21);

Conforme Meneghetti (2012) em algum momento da vida do jovem, antes dos vinte e quatro anos ocorre uma manifestação interna de insatisfação geral “A sua dor são lágrimas de fogo que destilam o sangue invisível” (p.21). Apresentam-se frustrações que em geral são atribuídas a causas externas, sente uma urgência no seu íntimo que não se pode explicar. Nesta fase parece impossível expressar as suas insatisfações, pois quaisquer tentativas neste sentido no interior da família, geralmente incorrem em confusões e mal entendidos. Assim, acontece tantas vezes uma tentativa de fuga, onde a fantasia tem papel importante para tentar compensar esse momento de vazio “de um desespero não realizado e incompreendido” (2012, p.22).

Tudo isso diz respeito na realidade, conforme Meneghetti (2012) da “nostalgia metafísica do ser” (p.24). Metafísica, do grego μετά = além, e φυσικς = natureza concreta, ou seja, há sinais de uma presença de algo que não se pode demonstrar ou definir, mas que se sabe da existência, ou seja, é uma realidade metafísica; nostalgia é um conhecimento do passado que prevalece sobre o dado do presente (2012, p. 25); o Ser, conforme o autor é o termo base e simples, sem ele não podemos pensar e nada pode existir.

Rocco (2006, p. 8) afirma que o potencial de um jovem é uma grande riqueza para uso pessoal e social, no entanto a maior parte dos jovens não consegue se realizar e encontram-se frustrados por não conseguirem atuar, mas principalmente compreender o seu próprio projeto de vida, ou seja, seria fundamental ao jovem compreender quem ele é, buscar aquilo que é o fundamento da sua vida, que promove o ponto de partida para ele na existência, qual seja, a sua identidade, que tem um preciso modo de ser: é desse

jeito, não é desse jeito, pode aqui, não pode por aqui. Essa identidade denominada Em Si ôntico, ao entrar na existência faz história, e “implica necessariamente – para ser e existir – um projeto específico e diferenciado dos outros” (MENEGETTI, 2013, p.40), isto é, o modo como esse jovem deverá se comportar deve ir ao encontro aquilo que é a sua essência, e conseqüentemente lhe será vantajoso a ele.

Andreola (2003, p. 14) descrevendo sobre a crise da identidade na adolescência, indica que esta não segue padrões universais, uma vez que variam de uma cultura para outra, mas enfatiza que é tarefa fundamental do indivíduo buscar respostas para as suas questões existenciais, onde a resposta estará inevitavelmente amparada na coerência interna e, “tanto quanto possível, pela ausência de ambivalência e contradições internas”.

O grande problema reside no fato de que a maioria dos jovens não identifica esse apelo interior que os provoca a partir do núcleo da sua existência, e acabam por perder precocemente esse endereço metafísico que concede a qualquer pessoa, o sentido de viver nesse planeta, e uma vez “perdida a nostalgia do ser, a vida é somente número na rotina” (MENEGETTI, 2012, p.28).

Por outro lado, conforme Barbieri (2014) a conjuntura social não apresenta respostas úteis e convenientes aos jovens sadios. Tais jovens esbarram nas limitações que a família impõe, uma vez que seus membros não sabem como ajudá-los, forçando-os a buscarem fora, um ambiente adequado para o próprio desenvolvimento.

2.1 Os desvios da juventude

O jovem, ao nascer numa família, num determinado contexto social, tem como herança uma consciência muito mais formada por este meio do que por seu próprio modo de ser; encontra-se mais vivido pelo modo no qual aprendeu a enxergar e compreender o mundo do que vivente do seu projeto de natureza. Assim, de um modo geral, o jovem acaba por conceituar a si mesmo de acordo com as regras aprendidas do social, conforme Vidor (2014, p.9) “a sociedade plasma os indivíduos sempre através de seus amplificadores, que são os pais”.

Os modos de comportamento que no início da vida são indispensáveis para que a criança possa aprender as regras necessárias no seu ambiente, com o passar do tempo transformam-se em amarra que paralisa e impede o crescimento humano. Deste modo,

os estereótipos³ vão se formando desde a infância de acordo com a realidade, a psicologia e os fatos que acontecem no ambiente em que o indivíduo vive, e conforme ele entende essa psicologia, passa a comportar-se segundo a mesma. É importante ressaltar que, muitas vezes, a corrupção mental não se dá através do fato em si, mas do julgamento de adultos já estereotipados (MENEGETTI, 2013).

Segundo Meneghetti (2013, p. 49) o primeiro erro fundamental é o monitor de deflexão⁴, que se dá através da resultante de uma série de estereótipos presentes na consciência do sujeito. Kley (2008) expõe o argumento como as crianças e adolescentes vão absorvendo conceitos e estereótipos, tendo como resultado a perda da identidade e numa incapacidade de oferecer respostas criativas sobre determinados assuntos. O jovem, perdendo a capacidade de fazer a leitura da realidade a partir de sua identidade, em geral se perde em crises, insegurança, incertezas, medos, pois conduz a vida a partir dos estereótipos que aprendeu.

Dentro deste contexto temos os conceitos de moral sistêmica e moral ôntica, apresentados por Meneghetti (2008). A moral sistêmica é aquela da sociedade, formada pela opinião da maioria e embasada nos vínculos familiares, sociais, legais, culturais e religiosos, a qual força o sujeito a fazer o teatro conforme é determinado, caso contrário poderá ser destruído. Entretanto é preciso ser fiel a moral ôntica, que nada mais é que a real intencionalidade de natureza do ser humano, o seu projeto.

Segundo Meneghetti (2013) existem três estereótipos principais nos jovens, os quais os distanciam os jovens da moral ôntica: o biologismo, o idealismo crítico e o consumismo. No biologismo ocorre uma excessiva notoriedade do corpo, seguem padrões e exigências de ordem fictícias. Assim, mesmo a natureza provendo o jovem com grande saúde corporal e performance, este começa a dar uma ênfase excessiva a esse corpo exaltando prazeres que não são conexos com ele, como o sexo, comodidade, estar junto com outros jovens, excesso de confiança etc.

Meneghetti (2013, p.53) nos aponta três maneiras na qual o biologismo pode se manifestar. A primeira forma é o biologismo como corpo que se dá quando a pessoa formaliza seus projetos caracterizando-se pela posição do corpo biológico, ou seja, se

³ *Estereótipo* “Um modelo de comportamento geral que se faz referência de outros semelhantes e que se torna valor de apoio para individuar segurança e razão dialética com a sociedade. Um modelo caracterial apreendido do externo” (MENEGETTI, A. *Dicionário de Ontopsicologia*, 2012, p. 99).

⁴ *Monitor de deflexão* “Engenho psicodélico deformador das projeções do real à imagem (MENEGETTI, A. *Dicionário de Ontopsicologia*, 2012, p. 175).

perde celebrando sua virilidade corpórea e não se foca em seu crescimento pessoal. A segunda forma é o biologismo familístico, que funciona através de uma crença, de uma tradição de que o homem deva crescer, formar uma família, ter filhos e educá-los conforme os preceitos da sociedade tradicional, denominada pelo autor de ciclo biológico. A terceira forma é o biologismo e o líder, onde o jovem aprende a importância de colocar em primeiro lugar o próprio projeto e a relativizar os valores sociais.

O segundo principal estereótipo do jovem é o idealismo crítico. Ao chegar a certa idade o jovem começa a enxergar os adultos mais próximos de uma forma mais crítica, mas enxergando-os como pessoas limitadas ou mesmo ridículas, e por considerar-se perfeito utiliza este idealismo como álibi para evitar certas responsabilidades, abstraindo-se assim de construir a si mesmo: “Desloca-se o próprio empenho de crescimento evolutivo no fazer racionalismos críticos em relação aos defeitos alheios” (MENEGHETTI, 2013, p. 57).

Na sua essência o idealismo crítico é construído por dois aspectos. O primeiro é o fato de o jovem crer que é superior a todos e o segundo é que ele funciona como um mecanismo de defesa que é usado para esconder o fato de que o jovem não está fazendo nada para crescer. O resultado deste idealismo crítico é que o jovem esquiva-se da responsabilidade da sua auto-construção e termina por cometer os mesmos erros que tanto critica nos adultos (MENEGHETTI, 2013).

O maior problema do idealismo crítico, conforme Barbieri (2014, p.60) está no fato de que o jovem coloca-se numa posição gratuita de segurança e superioridade, impedindo-o de usar o próprio potencial em vantagem própria.

O terceiro estereótipo que mais aparece nos jovens é o consumismo, e neste aspecto define os jovens ao mesmo como consumidores e consumidos, uma vez que são eles que ativam e fazem o consumismo. Miranda (2012) apresenta em seu estudo que os jovens tornam-se alvos do consumo e também ditam o consumo, salientando que as indústrias cultural e publicitária, vão sendo construída por atitudes, comportamentos, moda e estilos produzidos pelos jovens, e posteriormente são multiplicados para milhões de outros jovens através da televisão, internet, festivais de músicas, entre outros.

O consumismo pode ser verificado precocemente, uma vez que é introduzido na infância pelos pais, gratificando a criança mediante qualquer situação de desconforto do

pequeno infante, bem como por um assistencialismo que pode ser verificado nas pequenas situações corriqueiras, onde os genitores impedem que estas crianças possam resolver seus pequenos problemas. Esse assistencialismo excessivo por parte dos pais acaba por substituir na criança aquele “sacrifício natural que depois cada um deve aprender na vida” (MENEGHETTI, 2013, p.66).

Um exemplo de como o assistencialismo no qual os jovens são submetidos interfere de forma negativa aparece atualmente no mercado de trabalho, uma vez que ao ingressarem em qualquer empresa, esperam encontrar um chefe com as mesmas atitudes complacentes de seus progenitores, e que em geral, acabam ficando revoltados e acabam por desistir e irem embora (BRUM, 2016).

Szapiro (2010) explica como os jovens se tornam presas fáceis de um aparelho constituído pela lógica da sociedade de mercado, que oferece incessantemente mais prazer através de muitos objetos a consumir, dando a falsa sensação de que o jovem está exercendo uma escolha ao consumir. A propósito das características dos jovens nos dias atuais, A autora apresenta a ideia de que o objetivo da juventude é maximização do prazer. Desta forma, a adolescência que era denominada entre o período entre a infância e a vida adulta, antes marcada pela aceitação da impossibilidade de esquivarem-se das experiências de desprazer, atualmente acreditam que a tal situação poderia e deveria ser subtraída da prática da vida.

Us (2006) ao falar da instrumentalização dos jovens por parte do sistema expõe que o principal problema destes, é a discordância entre a grandeza interior potencial e o poder real entre o aquilo que é almejado e o realizado, e o mercado acaba fazendo consumo através desse desconforto juvenil.

O aspecto mais grave do consumismo é “a consumação da personalidade através do esteriótipo” (Meneghetti 2012), e com isso o jovem se conduz a auto-sabotagem, sendo impossibilitados de atuar a própria existência de modo superior. Os jovens ignoram que ao serem consumidores desse gigante mercado, são consumidos na sua própria intimidade.

2.2 Os vícios mais difundidos entre os jovens

Aliados aos principais estereótipos do jovem, o biologismo, o idealismo crítico e o consumismo, existem também seis vícios, sexomania, alcoolismo, toxicodpendência,

antissociabilidade (delinquência), psicossomática grave e superficialidade digital. Nessa seção procura-se falar sobre cada um desses vícios.

O sexo é instrumento para procriação na conjunção entre o prazer psíquico-fisiorgânico e a função do órgão, bem como é um instinto como qualquer outro, porém, conforme Meneghetti (2013) com resultado ambivalente. Em todo o mundo há uma propagação positiva sobre fazer sexo, sendo útil a saúde e dando superioridade a pessoa que pratica. Por outro lado o autor nos chama a atenção sobre esse instinto que condiciona os sujeitos para toda a vida: “precocidade dos filhos, precocidade de prostituição de si mesmo com predisposição a várias doenças” (p.72). Neste aspecto do sexo, se o mesmo não for vivido sob a orientação do seu projeto de natureza, é autossabotagem para o sujeito, uma vez que atinge as maiores coisas que este possui: “o ponto de inteligência, do poder, da performance, etc” (MENEGHETTI, 2013, p. 81).

O alcoolismo é um vício muito querido dos jovens, pois deixa a sensação de que podem fazer tudo, mas no final expõe de forma infantil o próprio limite. A toxicod dependência por sua vez, é a tentativa de encobrir incapacidade, ou de ter um alibi para quatro problemas existenciais no sujeito: a incapacidade; a fuga; o medo e a preguiça (MENEGHETTI, 2013, p. 82).

Outro vício é a delinquência, que deriva da traição do sujeito com seu próprio projeto, onde ao se trair entra em frustração, se perde e começa a atacar a sociedade. No que tange a psicossomática grave, que deriva sempre de um problema de causa psíquica, pode ser combatida apenas com interceptação exata no projeto do próprio sujeito, permitindo colher com exata medida a cura do sujeito (MENEGHETTI, 2013).

A superficialidade digital é um vício muito forte que, segundo Meneghetti (2013, p 101) destrói a funcionalidade da capacidade criativa do humano “substancialmente, o sujeito se auto-elimina, corta os próprios neurônios mais sensíveis e elevados”, ou seja, as imagens à que os jovens se submetem diariamente interferem no sujeito, pois conforme o autor (2012, p.246) as imagens portam realidade.

Miranda (2012) também nos mostra em sua pesquisa, que o problema das imagens cotidianas de marketing difundidas para os jovens, em sua maioria, é que são falsas representações do real, fazendo que o espectador invista a sua vida de informações falsas.

Carvalho (2016, p. 152) ao descrever alguns fatores importantes na formação do jovem na sociedade contemporânea, aponta que o acesso a tecnologia de forma precoce,

torna-se um fator importantíssimo uma vez que estes passam a ter acesso ao “submundo das curiosidades perversas” e que culminam na destruição da capacidade criativa destes sujeitos. A autora apresenta ainda que esse acesso precoce mostra-se mais acentuado no Brasil, onde a percentagem de crianças brasileiras conectadas às redes sociais é de 70% em comparação as crianças européias com 59%.

Os processos psicológicos cognitivos e afetivos provenientes do uso do computador e da internet, foram objeto de estudo da pesquisadora Nicolaci (2000) que chama a atenção de que é necessário dar início a tarefa difícil que consiste em reconhecer que a tecnologia vem provocando transformações nas pessoas, e começar as investigações em âmbito psicológico, cognitivo e afetivo que estão por trás do uso do computador e da internet.

Atualmente, um dos estereótipos mais dominantes e devastadores para os jovens são o informático. Os efeitos estão vinculados a impossibilidade de termos futuros líderes e de os tornarem atores principais na história deste planeta. O processo da perda da originalidade dessa juventude do *iPod*, sustenta-se meio de pontos chave específicos: *hipergratificação na infância, preguiça caracterial, frustração sucessiva, deslocamento de agressividade e depressão, e medo* (CAROTENUTO, *apud* MENEGHETTI, 2013). A autora explica que esse processo ocorre sobre uma constante “ficção” constituída como se fosse uma prótese que substitui a consciência em detrimento da própria natureza da pessoa.

Outro argumento sobre a falência da juventude, diz respeito à tipologia de jovens com particular inteligência e sensibilidade, que são vistos pela sociedade como superiores, porém não ineficazes por não possuírem auto-suficiência em nenhum aspecto de vista, portam-se de forma pretensiosa, pois conforme Carotenuto (2013), tais jovens consideram-se especiais pelo simples fato de existirem e são incapazes de responsabilizar-se por qualquer situação. Assim, a deficiência deles está condicionada ao mundo digital no qual estes jovens estão atrelados, não tendo a família qualquer participação no fato.

3 CAUSAS DOS PROBLEMAS

Tantos problemas descritos e nos perguntamos, de quem é a responsabilidade? Conforme Rocco (2006, p. 11) a sociedade tem sua parcela de culpa por possuir atitudes assistencialistas, exatamente como progenitores que mantêm os sujeitos até que estes possam trazer benefícios à própria sociedade, “mas não possui interesse que os jovens (especificamente) tornem-se adultos responsáveis e independentes, porque isto constitui um risco para estabilidade do sistema”. No entanto, a autora ressalta que isso não é uma via de mão única, faz parte de uma psicologia presente de modo sutil em milhares de pessoas, uma vez que a sociedade é produto das pessoas que a constituem e isso resulta que a única maneira de solucionar é a mudança de si mesmos.

Para Meneghetti (2013, p. 122) todos são culpados “quem viu, quem não viu, todos tem a sua parte de culpa”. Além disso, aponta como dupla a causa principal: 1) *hiperassistencialismo afetivo como primado de adultos sobre outros adultos*; 2) *hiperassistencialismo de todo o modo ao direito dos mais pobres*. No primeiro argumento, o autor quer evidenciar como o adulto ao subtrair do filho o sacrifício e a dificuldade acaba por ceifar dele a parte neural de como ser pessoa (p.128). Na segunda causa, temos a consequência de que há uma desvalorização daquilo que é considerado como mérito e sucesso em detrimento daqueles que sabem fazer e criar com mérito.

Ao descrever a origem dos problemas na relação entre pais e filhos, Vidor (2014) expõe que a origem ocorre na infância e as consequências aparecerão na vida adulta, pois o jovem tenderá a dar respostas conforme o modelo infantil aprendido, não aceitando mudar e querendo que a sociedade adapta-se a ele: “Quando a matriz que é a família habituou o ser humano a um modelo reativo de comportamento, depois de adulto, o indivíduo prefere a crise neurótica em lugar de abandonar o modelo aprendido” (VIDOR, 2014, p 17).

Szapiro (2010) expõe o argumento de que os lugares simbólicos que marcam a transição da juventude para a vida adulta, estão desaparecendo, fazendo-se desaparecer a relação de transmissão do adulto para o jovem “o jovem parece ter que se autoconstituir simbolicamente” ficando comprometida a possibilidade destes de se constituírem a partir da sua singularidade. Essa problemática provém, conforme a autora, do esvaziamento da desinstitucionalização da família, da escola, do estado num processo que ela cita como dessimbolização: “Nesta situação, a transmissão geracional

tende a se inverter: agora são os mais jovens que devem transmitir os valores do mundo atual aos mais velhos para que estes possam viver, neste sentido, dentro do tempo” (p.45).

Rocco (2006, p. 11) expõe a ideia da irresponsabilidade econômica do jovem, uma vez que este parte sempre do pressuposto de que diante de qualquer dificuldade poderá recorrer aos pais. No caso das meninas, a autora reforça outro aspecto, mostrando como a sociedade e a família a educam para ser dependente dos homens, sendo que na realidade é “uma armadilha em meio através do qual a mulher se deixa comprar pelo homem de plantão”. A autora apresenta ainda dois outros erros cometidos pelos jovens: a preguiça e a ausência de espírito de sacrifício, apontando como é necessário aos jovens um sério engajamento no estudo e trabalho, mas que são prejudicadas pela falta de empenho dos jovens.

Cangelosi (2007, p.156) indica os pontos que se apresentam como principal obstáculo à evolução de um jovem. A autora discorre sobre como os jovens ao terem oportunidades de trabalho ou mesmo de evolução de cargos, acabam por desperdiçar tais possibilidades, apontando entre dificuldades como a família, sociedade e amigos, o principal deles, a autossabotagem.

As fases da destruição das oportunidades apontadas por Cangelosi (2006, p. 158) são as seguintes: a) *Auto-gratificação*: ao receber uma possibilidade o jovem pensa que já é o suficiente, que todos já entenderam o seu valor, mas ainda não fez nada. Como consequência inicia a perda da confiança que fora depositada nele; b) *Onipotência*: o jovem se coloca objetivos impróprios a sua capacidade, por acreditar que pode alcançá-los de forma rápida, entrando em estresse ao não conseguir atingí-los; c) *Pressa*: é incapaz de ter paciência consigo próprio, bem como não aceita a espera de amadurecer-se nos aspectos pessoais e profissionais; d) *Atitude de superioridade*: Na relação com os outros pretende reconhecimento sem nada ter realizado; e) *Preguiça e agressividade*: o jovem ao não produzir nada entra em frustração e começa a projetar a sua raiva nos outros. Além disso, apesar de serem jovens muito inteligentes, são preguiçosos, incapazes de *investir* sua energia de modo funcional para si; f) *Falta de humildade*: diante das dificuldades elencadas acima, o jovem não colhe a possibilidade, age contra si próprio causando dano ao seu próprio projeto; g) *Erro final*: na sucessão das fases acima descritas, ocorre geralmente um grave erro, como resultado das ações feitas pelo

jovem. A partir deste fato, “inicia a fase do carma, na qual o sujeito deve igualar as contas, ou seja, pagar as consequências das ações erradas que cometeu”.

Em meio ao este cenário, onde há tantos jovens inteligentes e capazes, que se encontram na fase de maior vitalidade e energia para investir seu potencial para serem vencedores, faz-se indispensável uma pedagogia capaz de direcioná-los em sua formação. Precisamente aí, a pedagogia ontopsicológica aparece para atuar como resposta no direcionamento destes jovens.

4 SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS

A globalização permitiu a expansão da cultura da internet e trouxe consigo resultados negativos como já citamos. Por outro lado, permitiu que os jovens pudessem ter uma situação de independência em relação à família, o que lhes possibilitou entrar com maior rapidez no ambiente social. O que atualmente se observa, é que os jovens mais vitais clamam por uma cultura que os ajude de maneira mais funcional a serem o que são (MENEGHETTI apud Carotenuto, 2013), ou seja, faz-se necessário uma pedagogia com capacidade de extrair do sujeito o seu melhor, para que ele também seja útil ao social.

A cura advém da re-impostação da ordem de natureza de cada pessoa. A Escola Ontopsicológica elegeu o critério que denominou de Em Si ôntico “que é o princípio formal que gera de modo irrepitível e único o ser que se é aqui e agora” (MENEGHETTI 2013, p. 131). Isso na prática é ensinar ao jovem, enquanto indivíduo histórico, que deve crescer e ser verdadeiro com ele mesmo, para que seja também funcional à sociedade.

Sendo o papel do jovem fundamental na continuidade da vida, é preciso ensiná-lo, e o ponto de intervenção é mostrar o caminho da responsabilidade, pois sempre há a tendência de acusar a família e a sociedade. Meneghetti (2005) apresenta quais os pontos de crescimento que o jovem deve afrontar: 1) *Metanoia*: significa descobrir a si mesmo com base da identidade ôntica; 2) *Impacto histórico-analítico existencial*: rever o contexto do mundo como realmente é, para que possa poça também aprender a relativizar as coisas; 3) *Metabolização geral*: tomar para si apenas o que lhe serve em todos os âmbitos, sem trair a si mesmo; 4) *Intencionalidade específica*: deve percorrer o caminho que corresponda às exigências fundamentais para o momento, segundo as possibilidades históricas presentes; 5) *Tomada de poder*: aumentar o espaço da própria personalidade, uma vez que sabendo-se quem ele é, sabe usar o ambiente como este se apresenta; 6) *Autenticidade criativa*: Neste nível começa a gerenciar a si mesmo de modo constante e superior; 7) *Contemplação edênica e visão ôntica*: considera-se este período dos grandes sábios, onde o paraíso se torna presente, porém dentro da evolução mental.

Assim, o passo inicial é ensinar o critério presente por natureza em cada jovem. Na prática, conforme a pedagogia ontopsicológica, o jovem deve ser conduzido à lógica

de compreender que cada escolha tem sua consequência, além disso, seria fundamental investir sua energia entrando na ação de atividades do cotidiano, uma vez que elas introduzem o jovem nas responsabilidades civis do cotidiano, o ensinam situações similares do próprio existir que são fundamentais na aquisição da própria autonomia, além de possibilitar que a partir destas experiências o jovem reconheça quais suas capacidades naturais (WAZLAWICK, 2014).

Além dos jovens serem orientados na responsabilização, também devem ser orientados a ser autônomos nos aspectos econômico, psicológico, bem como de serem funcionais socialmente (Carotenuto, 2013).

Corroboram com as mesmas idéias Andreola (2003), nos ensina que para investir de forma ótima, o jovem deve assumir as rédeas da própria vida, deixando de ser dependente das doxas sociais, no entanto devendo conhecê-las e dominá-las para se chegar onde quer. Ainda indica a necessidade de um aprendizado prévio de lógica, vocabulário, logística, com o objetivo de ser aceito na sociedade.

Para Rocco (2006) o primeiro dever de um jovem é o auto-sustento e o não cumprimento de tal tarefa implica em auto-sabotagem. Cangelosi (2007) propõe algumas soluções para os jovens que queiram sair desse “túnel” da auto-sabotagem. A autora aponta primeiramente que o jovem deve reconhecer seus erros com humildade e sem culpa. No segundo ponto, salienta que é necessário centrar-se em si mesmos, inclusive lançando mão de consultorias ontopsicológicas, para que o jovem possa ter ações que correspondam ao seu projeto de natureza. Nesta fase é fundamental ao jovem colocar-se a tarefa de ter objetivos claros e investir em ações concretas, conforme a as diretivas do seu Em Si Ôntico. Como terceiro argumento, orienta encontrar momentos para proporcionar espaço à própria interioridade, fazer algo que se gosta e proporcione bem-estar.

Portanto, a Ontopsicologia propõe como fundamento da pedagogia o próprio critério de natureza, sendo necessário recuperar o valor pessoal de cada adolescente, pois é a partir da responsabilidade de cada pessoa que “nasce uma nova ordem social para vida humana” (VIDOR 2014, p. 73).

Temos no mundo milhares de jovens sadios, inteligentes e capazes, embora não devam ser substituídos na responsabilidade da construção da própria vida, não devem ser deixados sozinhos, devem ser orientados para que não se percam no caminho, pois eles de fato são a garantia do futuro do mundo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em primeira instância a pesquisa estava amparada numa perspectiva e olhar preconceituoso e pouco animador sobre o panorama da juventude atual. Durante o processo de pesquisa, enquanto nosso olhar estava voltado a tentar compreender esta realidade, pôde-se enxergar sob um ponto de vista mais otimista. Queiramos ou não, os jovens da geração atual possuem características muito diversas das anteriores, porém não necessariamente negativas.

Mas chama realmente a atenção a incapacidade das figuras parentais de exercer seu papel de orientação e responsabilização, promovendo aos jovens uma autonomia e uma liberdade que os deixam muito suscetíveis, mas principalmente, culminando numa interrupção da transmissão de valores nos quais tantos lamentamos que os jovens encontram-se desprovidos.

Por certo há um enorme contingente de jovens que já se perderam ou não mais se encontrarão. Mas também há muitos jovens saudáveis e inteligentes que precisam ser conduzidos por uma pedagogia que valorize a sua natureza e seu potencial. Nestes jovens podemos já indicar a estrada, ou seja, mostrar que esta passa pelo autoconhecimento, passa pelo conhecer a amar o seu próprio projeto de natureza. Mas certamente este conhecimento deve passar pela experimentação de várias práticas que este jovem deve desenvolver enquanto está em processo de formação, para que possa estar preparado com chegar a hora.

O ponto chave de como ensinar o jovem a construir o caminho para si mesmo está na responsabilização deste, pois nenhum pai ou educador pode substituí-lo nesta estrada. Através da Pedagogia Ontopsicológica pode-se restituir ao jovem o sentido fundamental da vida, podemos mostrar que eles podem e devem fazer o seu existir um valor para si e para os outros. O jovem é a garantia do amanhã, é necessário ensiná-los a serem grandes para si mesmos, desenvolverem suas capacidades, para que possam amar a vida com valor, para que aprendam a agir perante a vida de acordo com o seu projeto de natureza, e em conjunto com outros homens possam dar continuidade a vida na terra.

REFERÊNCIAS

- ANDREOLA, Maria Tereza. **O estilo de vida do jovem como fator de desenvolvimento do potencial de liderança**. São Petersburgo, Rússia, 2003. 167f. Tese Especialização em Psicologia com endereço em Ontopsicologia. Universidade Estatal de São Petersburgo, Rússia, 2003.
- BRASIL. Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. Dispões sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm> Acesso em 07 de agosto de 2016.
- BRUM, Eliane. Meu filho, você não merece nada. **Revista Época**, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI247981-15230,00.html>. Acesso em: 27 de ago. 2016.
- CANGELOSI, A. **Autossabotagem: o principal obstáculo à evolução e um jovem**. Busines Intuition. Tradução e organização Foil, São Paulo. 2007, p. 159-159
- CAROTENUTO, M. **A Paideia Ôntica**. Dos Sumérios a Meneghetti. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.
- CARVALHO, Tereza Cristina Melo de Brito. Identidade do Jovem na Sociedade Contemporânea
Identity of Youth in Contemporary Society. **Saber Humano: Revista Científica da Faculdade Antonio Meneghetti**, [S.l.], p. 146-165, fev. 2016. ISSN 2446-6298. Disponível em: <<https://saberhumano.emnuvens.com.br/sh/article/view/110/133>>. Acesso em: 27 ago. 2016. doi:<http://dx.doi.org/10.18815/sh.2016v0n0.110>.
- GUIDDENS, A. **Sociologia**. Tradução de Ronaldo Cataldo Costa; revisão técnica de Fernando Coutinho Cotanda. 6 Ed. Porto Alegre, Ed. Penso, 2012.
- HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 1. Ed. Rio de Janeiro. Objetiva, 2009. 1986p.
- LOBATO, A. Ontologia, Pedagogia e Sociedade. **Revista Identidade Jovem**. Recanto Maestro, Associação Brasileira De Ontopsicologia, 2011, p.96-101.
- MENEGHETTI, A. **Os jovens e a ética ôntica**. 1. Ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.
- _____. **A arte de viver dos sábios**. 4. Ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.
- _____. **Pedagogia Ontopsicológica**. 2. Ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2005.

_____. **Ontologia da Percepção**. 1. Ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

Nicolaci-da-Costa, A. M. (2000). **A tecnologia da intimidade**. *Anais do III Workshop de Fatores Humanos em Sistemas Computacionais*. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação (pp. 3-11). Disponível em: <file:///C:/Users/IMP008/Documents/artigos%20do%20tcc%20do%20demo/artigo%20tc%20nicolaci.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

ROCCO, V. Auto-sustento: o primeiro dever de um jovem. **Revista Nova Ontopsicologia**, Revista semestral nº 1, p.8-15, 2006.

SZAPIRO, A. M. & Resende. C. M. A. (2010). Juventude: esta da vida ou estilo de vida? *Psicologia e Sociedade*, 22(1), 43-49.

SCHUSKEL M. C. Valores humanistas na publicidade voltada ao público jovem a partir dos conceitos da ontopsicologia. **Inovcom**, v. 3, n. 1, p. pág. 17-26, 2012.

SPANHOL, Carmen Ivanete D.ªAgostini. Educar para autonomia e responsabilização. In: **Congresso Internacional Responsabilidade e Reciprocidade**.

WASLAWICK, P. et al. **Uma Nova Pedagogia para sociedade futura**: princípios práticos. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, p 41-53, 2014.

VIDOR, A. **Relação entre Pais e Filhos**. A origem dos problemas. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.